

Intersecções e contribuições entre psicanálise e estudos de gênero segundo psicoterapeutas de orientação psicanalítica de Santos, São Paulo.

Intersections and contributions between psychoanalysis and gender studies according to psychoanalytic psychotherapists from Santos, São Paulo.

Intersecciones y contribuciones entre el psicoanálisis y los estudios de género según psicoterapeutas de orientación psicoanalítica de Santos, São Paulo.

Bruna Alves Nonatos

Graduanda em Psicologia da Universidade Federal de São Paulo, Instituto de Saúde e Sociedade, campus Baixada Santista

Cristiane Gonçalves da Silva

Docente Associada Universidade Federal de São Paulo, Instituto de Saúde e Sociedade, campus Baixada Santista; Departamento de Políticas Públicas e Saúde Coletiva; Eixo Comum o Ser Humano e sua Inserção Social

Resumo

A psicanálise tem sido cada vez mais convocada a se manifestar sobre diversidade, gênero e sexualidade, demonstrando a importância de refletir sobre questões que emergem no encontro entre clínica(s) psicanalítica(s) e o campo de estudos de gênero. Considerando isso, a pesquisa qualitativa que resultou nesse artigo teve como objetivo identificar e compreender a intersecção entre a clínica psicanalítica e os estudos de gênero a partir de narrativas de psicólogos/

as de orientação psicanalítica que fazem atendimento clínico na cidade de Santos/SP. Foram feitas entrevistas semiestruturadas com quatro profissionais, sendo eles/as dois homens e duas mulheres que se desdobraram em quatro eixos analíticos: (1) A Mulher como questão; (2) Clínica psicanalítica e singularidades, estudos de gênero e coletividades; (3) Gênero na clínica: revelação de um sujeito; (4) Clínica no Gênero: o não-todo. Os eixos permitiram diálogo entre a clínica psicanalítica e os estudos de gênero a partir dos/as entrevistados/as, trazendo elementos para ampliar as discussões a respeito do tema.

Palavras-chave: psicanálise. estudos de gênero. clínica psicanalítica.

Abstract

Psychoanalysis have been each time more called in to manifest itself about diversity, gender and sexuality, demonstrating the importance of reflecting about matters that emerge in the encounter between psychoanalytic clinics and the gender study fields. Considering this, the qualitative research that originated this article had as objective identifying and comprehending the intersection between the psychoanalytical clinic and the gender studies from psychoanalytical orientation psychologists' narratives who provide clinical service in the city of Santos. Semi-structured interviews were made with four professionals, them being two men and two women and of those were unfolded four analytical axes: (1) The woman as matter; (2) Psychoanalytic clinic and singularities, gender studies and collectivities; (3) Gender in the clinic; revelation of a subject; (4) Clinic in the gender: the non-whole. The axes allowed dialogue between the psychoanalytical clinic and gender studies from the interviewees, bringing elements to broaden the discussions on the subject.

Key-words: psychoanalysis; gender studies; clinic of psychoanalysis.

Resumen

El psicoanálisis ha sido cada vez más convocado a manifestarse al respecto de la diversidad, género y sexualidad, así demostrando la importancia de reflexionar a cerca de cuestiones que emergen entre clínica(s) psicoanalítica(s) y el campo de estudios de género. Considerándose así, la encuesta cualitativa que se resultó en ese artículo apuntado identificar y comprender la intersección entre la clínica psicoanalítica y los estudios de género a partir de narrativas de psicólogos/as de orientación psicoanalítica que atienden en la ciudad de Santos. Fueron hechas entrevistas semiestructuradas con cuatro profesionales, siendo ellos/ellas dos hombres y dos mujeres donde desdoblaran cuatro ejes analíticos: (1) La Mujer como cuestión; (2) Clínica psicoanalítica y singularidades, estudios de género y colectividades; (3) Género en la clínica: revelación de un sujeto; (4) Clínica en el Género: el no-todo. Los ejes permitieron el diálogo entre la clínica psicoanalítica y los estudios de género desde los entrevistados, aportando elementos para ampliar las discusiones sobre el tema.

Palabras clave: psicoanálisis. estudios de género. clínica psicoanalítica

Ficha catalográfica elaborada por sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

N812i Nonatos, Bruna.
Interseccoes e contribuicoes entre psicanalise e
estudos de genero. / Bruna Nonatos; Orientadora
Cristiane Silva. -- Santos, 2019.
28 p. ; 30cm

TCC (Graduação - Psicologia) -- Instituto Saúde e
Sociedade, Universidade Federal de São Paulo, 2019.

1. Psicanálise. 2. Estudos de gênero. 3. Clínica
psicanalítica. I. Silva, Cristiane , Orient. II.
Título.

CDD 150

Introdução

Cada vez mais a psicanálise e a psicologia têm sido convocadas a se manifestar em relação às diversidades de gênero e sexo, uma necessidade de atuação que aumenta, em parte, pela influência da mídia (Porchat, 2012). O encontro entre as clínicas psicanalíticas e as teorias do campo de estudos de gênero permite fazer o debate entre esses campos e pode criar melhores condições para ultrapassar algumas questões estagnadas no diálogo historicamente malsucedido entre ambos, um encontro que possibilita pensar fora dos limites teóricos tradicionais das disciplinas que constituem o campo (Santos, 2018).

De acordo com Matos (2008), a origem dos estudos de gênero escancaram uma produção científica pautada em concepções teóricas que, durante longo período, sustentavam-se exclusivamente na produção de homens, excluindo sistematicamente as mulheres do campo científico. Em meados do século 20, essas mulheres começam a se organizar e produzir grandes reviravoltas para ocupação e participação de espaços de produção de saber, trazendo transformações também à forma que o conhecimento era pensado e produzido.

A movimentação das mulheres levou à consolidação do que passou a ser chamado de estudos feministas, ou estudos de mulheres, que construiu um campo acadêmico – dos estudos de gênero – e visou adotar uma nova proposta teórico-conceitual (Matos, 2008). Segundo Scott (1995), para as pesquisadoras feministas, além de novos temas, os estudos de gênero suscitariam um reexame crítico do trabalho científico existente. A própria utilização do termo gênero incorpora a estratégia de trazer legitimidade acadêmica aos estudos feministas, visto que o uso de "estudos de mulheres" era associado a uma posição política e não à ciência. A definição de gênero como uma categoria de análise histórica, tal como proposta por Scott (1995), permite identificar um elemento importante para compreender a articulação de poder das relações sociais, com base nas diferenças percebidas entre os sexos.

O objetivo da psicanálise é a compreensão da vida psíquica inconsciente e a construção da subjetividade. Assim sendo, supõe-se que incorporar os estudos de gênero à prática psicanalítica poderia resultar em uma mútua contribuição entre a clínica e as discussões de gênero. Para Porchat (2012), inclusive, a teoria psicanalítica precisa ser questionada quanto a sua concepção de gênero.

Desse modo, a pesquisa¹ que resulta na reflexão apresentada nesse artigo foi realizada a partir do interesse em apreender o modo e se os estudos de gênero têm sido compreendidos pelos/as psicanalistas em clínica, considerando que embora haja diversos estudos que fazem o diálogo entre os estudos de gênero e a psicanálise não foram encontradas pesquisas que tivessem abordado, especificamente, a prática clínica e sua articulação com os estudos de gênero. A opção em estudar a prática clínica partiu também da compreensão de que cada início de análise, que desencadeará o atendimento à demanda de alguém, depende da decisão do/a profissional que irá analisá-la e como irá reinventar a psicanálise naquele caso em particular (Quinet, 2009). Reinvenção que não desconsidera os conceitos psicanalíticos, mas se caracteriza pela abertura à uma escolha ética do/a profissional. Assim, diante dessa escolha, optar por dialogar com as questões de sexo e gênero pode ser uma possibilidade.

Assim, foi desenvolvido um estudo qualitativo a partir da realização de entrevistas em semiestruturadas realizadas com 4 profissionais, sendo 2 mulheres (Berenice², de 57 anos e Estela, de 29 anos) e 2 homens (Olavo, de 56 anos e José, de 30 anos), moradores/as e profissionais da cidade de Santos no litoral sul do Estado de São Paulo. Os/as entrevistados/as foram indicados/as por profissionais e pessoas das redes de relações dentro da universidade,

¹ Pesquisa realizada como parte do processo do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Psicologia, orientado pela co-autora e que serviu de base para elaboração desse artigo. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa, via Plataforma Brasil, parecer 2.806.081.

² Foram adotados nomes fictícios para fazer referência aos/as entrevistados para garantir o anonimato, conforme orientações de ética em pesquisa.

colegas de curso e de projetos, o primeiro contato com todos/as foi feito via aplicativo de mensagens onde a proposta do trabalho foi apresentada e posteriormente detalhada no encontro com cada um deles, junto à apresentação do termo de consentimento. Os quatro tiveram formação em psicologia e optaram pela clínica com orientação psicanalítica para atuação profissional. As entrevistas ocorreram em ambientes onde os/as entrevistados/as se sentissem mais à vontade, sendo acordado previamente com cada um/a. De modo que, três entrevistas foram realizadas nos respectivos consultórios e uma delas na universidade. A partir das entrevistas transcritas foi feita análise de conteúdo (Bardin, 1977) que se desdobrou em eixos analíticos que apresentam o debate sobre a intersecção clínica psicanalítica e o campo dos estudos de gênero a partir do conteúdo das narrativas, conforme apresenta-se a seguir.

A Mulher como questão

De acordo com Butler (2017) é constitutivo do histórico do movimento feminista, dentro e fora de espaços acadêmicos, a teorização sobre “as mulheres” numa perspectiva de unidade, concebendo muitas vezes a ideia de uma mulher una com o objetivo de representação para a partir daí possibilitar políticas e transformações sociais que combatam a assimetria de gêneros. A autora questiona tal esforço, entretanto, principalmente pelo caráter determinante de categorizar as mulheres de modo universal. Ao delimitar uma unidade, desconsidera-se o que está aquém de tal demarcação levando à rejeição das diversas intersecções contextuais, políticas, culturais e sociais, através das quais se constituem as “mulheres”. Além disso, Butler (2017) ainda alerta que não bastaria adicionar marcadores de raça, classe, etnia, idade e outros a uma categoria preexistente de mulher para tornar possível a concepção de uma completude e universalidade bem-sucedida.

Outra dimensão importante do debate é o fato de que homens e a masculinidade também são material de pesquisas do gênero. Conforme aponta Scott (1995), a categoria gênero é relacional e abriga definições normativas de feminilidade e masculinidade, permitindo compreender feminino e masculino em relação. Nesse sentido, torna-se impossível a compreensão do feminino e o masculino se eles estiverem separados, já que mulheres e homens são definidos em termos recíprocos.

Ainda que existam diferentes psicanálises pós-freudianas, desde a época de Freud a psicanálise ocupava-se em investigar as mulheres, tema que foi por ele abordado direta ou indiretamente e esteve associado a uma ideia de mistério — do feminino —, aproximando “a mulher” de algo indecifrável (Domingues, 2008). Ao longo da obra de Freud, são diversos os momentos em que se identificam os esforços em abarcar tal tema, em revisá-lo e preencher algo considerado como uma lacuna dentro da teoria psicanalítica. O conteúdo de “Três Ensaaios sobre a sexualidade” de 1905, por exemplo, em que Freud conceitua a feminilidade, foi revisto pelo autor diversas vezes (Da Silva & Folberg, 2008). Não apenas as revisões evidenciam o quanto Freud hesitou em tratar tal tema, como ele próprio assumiu sua posição ao afirmar que “de acordo com sua natureza peculiar, a psicanálise não tenta descrever o que é a mulher — seria esta uma tarefa difícil de cumprir —, mas se empenha em indagar como é que a mulher se forma” (Freud, 1932/1933, p. 79).

Considerando esses questionamentos singulares que estão na base da teoria psicanalítica de Freud, perguntamo-nos se a mulher como questão também aparece nos espaços psicanalíticos da clínica. O que as observações de psicanalistas teriam a dizer a respeito da questão? Na busca de apreender isso, destaca-se que em algumas entrevistas realizadas, a mulher se apresenta como questão, ora mais explicitamente, ora mais implicitamente. Um dos entre-

vistados identifica o nascimento da psicanálise na questão do gênero e menciona como isso apareceu para Freud e Lacan e a permanência da questão até hoje:

Acho que isso é uma das bases da teoria psicanalítica, a questão do gênero, e a questão do gênero feminino inclusive, porque se começa a psicanálise com mulheres, que eram taxadas de loucas, desvairadas e eram internadas - que são as histéricas -, que lançam essa voz (...) Era uma questão pro Freud, foi uma questão pra Lacan e é uma questão até hoje sobre o papel do feminino na sociedade, sobre o que é ser uma mulher. (José, 30)

Lacan também foi referido por outro entrevistado que ressalta que para tal autor, não há um universal feminino, mas há um universal masculino:

Do ponto de vista masculino há um universal — é meio complexo mas acho que de uma maneira sintética consigo te explicar —, na lógica feminina não há um universal para todas as mulheres. E, isso que Lacan conceitua, é muito importante porque, quando te falava da lógica do não-todo, tem a ver com isso, com a lógica feminina, a não completude. (Olavo, 56)

Nenhum dos/as entrevistados/as subjugava o feminino, a mulher, o gênero ao corpo biológico. Isto é, nenhum deles entende que o corpo diferenciado no campo da biologia se sobressai ou define o que entendemos por gênero, mulher e feminino. Ao pensar na mulher como questão, revela-se uma diferenciação entre sexo e gênero como aspecto que circunda a problemática de interesse que merecerá nossa atenção.

“Se uma mulher biológica se sente mais à vontade num campo de discurso predominantemente masculino ela tem todo direito de fazer parte desse lugar e vice-versa. Entendo gênero como um lugar de fala.” (José, 30)

“Entendo que uma pessoa se apresenta de uma determinada maneira independentemente do sexo biológico que porta.” (Olavo, 56)

“Eu acho que biologicamente as pessoas nascem homens, ou mulheres, em raros casos hermafroditas³ (...) mas gênero existe pra trazer pra existência humana novas possibilidades.” (Berenice, 57)

Em “Problemas de Gênero” Butler (2007) questiona não apenas a tentativa de algumas teóricas e dos movimentos feministas em guiarem-se pela ideia de mulher como unidade, mas também adverte sobre como o sexo e o gênero têm sido pensados como categorias distintas. A diferenciação entre as categorias surge como crítica à biologia como destino e a distinção entre sexo e gênero abre espaço ao “gênero como interpretação múltipla do sexo” (Butler, 2007, p. 26). Segundo a autora, o gênero adquire, então, um caráter independente do sexo, que permite pensarmos mulher e feminino tanto em um corpo feminino, como em um masculino e vice-versa. Tal distinção tem seus pressupostos como alvo de uma série de questionamentos encontrados nos escritos críticos já na década de 80:

Um dos motivos foi a fixidez e unidade que essa distinção conferia às identidades de gênero, ao formular a existência de uma base biológica imutável que dividia a humanidade em dois sexos e, consequentemente, em dois gêneros. Outro dos aspectos problematizados foi a universalidade atribuída a essa distinção. (Piscitelli, 2008, p. 264)

Na referida obra de Butler (2007) encontramos um apanhado de questões que indicam ser o constructo “sexo” tão culturalmente construído quanto o gênero e que a distinção aqui tratada revela-se nula: o sexo, na realidade, sempre foi gênero e tal perspectiva de reiteração dos discursos sobre os corpos aparece em uma das entrevistas que indica o gênero e o sexo como constituídos pelo social:

³ Aqui vale uma ressalva quanto ao termo hermafrodita, que não coube em discussão por ter aparecido isoladamente em uma das entrevistas. Atualmente é utilizado o termo “intersexo” no campo dos estudos de gênero por abranger os aspectos sociais, psíquicos e identitários envolvidos no tema, fugindo ao discurso biomédico que detém-se especialmente à caracterização do tema através de aspectos físico, corporal e patológico (Canguçu-Campinho, Bastos, & Lima, 2009).

A partir do momento que você se identifica com um gênero cabe alguns lugares sociais ali, onde você tem que desempenhar determinados papéis (...) a gente nasce, é identificado nosso sexo a partir de um outro, que denomina esse sexo e tem uma série de coisas que a gente tem que agir de acordo. (José, 30)

Quando equiparamos sexo e gênero e os qualificamos como constructos, a concepção de unidade da mulher não se sustenta diante da diversidade das experiências que emergem às mulheres, conforme aponta Butler (2007). Assim, sendo a clínica psicanalítica espaço para a escuta de diferentes histórias e experiências, discutiremos como essas histórias surgem para os/as entrevistados/as em clínica e como os estudos de gênero se relacionam a isso.

Clínica psicanalítica e singularidades - Estudos de gênero e coletividades

A tentativa de parte dos movimentos de mulheres de conceituar A mulher foi fadada ao insucesso pela impossibilidade de representar todas em “uma mulher” (Butler, 2007). Tal posicionamento, considerado essencialista por algumas estudiosas, foi estratégico para reivindicação de políticas tendo como base a identidade da mulher e, mesmo assim, as críticas antiessencialistas apontaram o significado vazio encontrado na categoria “mulher” (Costa, 2002)

Assumindo aqui a complexidade e as diversas questões envolvidas na construção de um sujeito do feminismo, pretendeu-se refletir sobre as singularidades e como se inserem num contexto coletivo em busca de unidade. E, ao mesmo tempo, pensar sobre o modo como a clínica psicanalítica, a partir da narrativa dos/as entrevistados/as, preocupa-se com as singularidades e a maneira como abre espaço para a pluralidade encontrada nos feminismos.

Cabe dizer, que ao longo das considerações aqui feitas o propósito não foi utilizar os termos feminismo(s), estudos de mulheres e de gênero como sinônimos, mas como elementos de um mesmo campo de reflexão. Visto que os estudos feministas ou estudos de mulheres,

foram caminhos para uma ampliação no escopo de questionamentos sobre sexo e gênero que culminaram nos estudos de gênero (Matos, 2008). Esses deslocamentos dentro do(s) feminismo(s) são parte constituinte dos movimentos e de suas teorizações ao longo dos tempo, apesar de não poderem ser entendidos em uma perspectiva linear, mesmo porque os momentos dos feminismos coexistem (Narvaz & Koller, 2006).

A elaboração de uma unidade identitária das mulheres permitiu que, a partir daí, se construíssem políticas alinhadas ao feminismo, algo discutido há tempos nos movimentos de mulheres. Segundo Piscitelli (2004, p. 46), “o reconhecimento político das mulheres como coletividade ancora-se na ideia de que o que une as mulheres ultrapassa, em muito, as diferenças entre elas. Dessa maneira, a identidade entre as mulheres torna-se primária”. Entretanto, como ressalta Ribeiro (2018) é característica do feminismo ser polifônico e ter que lidar com crises acerca da ideia de essência e ontologia feminina, ao longo de sua história. Deste modo, na atualidade, certamente não temos mais um feminismo unívoco, mas sim um feminismo plural e não totalizante (Narvaz & Koller, 2006).

Assim, como se consideram os diferentes marcadores da experiência singular dentro de um movimento coletivo? Essa questão é formulada diante do fato de que “a “mulher” é uma categoria histórica e heterogeneamente construída dentro de uma ampla gama de práticas e discursos, e sobre as quais o movimento das mulheres se fundamenta” (Costa, 2002, p. 71). Essa autora, baseada em Riley (1988), discute a volatilidade na ideia de coletividade presente na categoria “mulher” que é também sincrônica e diacronicamente errante e, ao mesmo tempo, aponta a inconstância do “ser mulher” individualmente.

Essa instabilidade conceitual, por outro lado, proporciona caminhos para incluirmos à essa categoria de análise — gênero/sexo/feminino/mulher — outras categorias como raça,

etnia, sexualidade e etc., possibilitando uma compreensão que considere a formação histórico-discursiva dessas categorias (Costa, 2002).

A pluralidade de posicionamentos no campo dos estudos de gênero é tão ampla quanto a discussão sobre a consideração das singularidades femininas em um contexto político e coletivo, isso se revela também na clínica psicanalítica, identificada a partir do conteúdo das entrevistas realizadas:

(...) tem aparecido muito a discussão do lugar da mulher, do que é ser mulher e os discursos feministas, isso tem aparecido bastante na clínica, acho que isso. Acho que também as questões (...) quando vem alguém que é homossexual, isso também aparece bastante, todas as dificuldades, os preconceitos. (Estela, 29)

O reconhecimento dessa demanda requer atenção quanto à singularidade num contexto clínico psicanalítico, pensada enquanto abertura para a heterogeneidade das experiências e não advinda de conceitos psicanalíticos, embora ela apareça em diversos trabalhos de Freud e Lacan e em conceitos no campo dos estudos de psicanálise (Tattit, 2016).

Ao refletir e falar sobre a prática psicanalítica e as questões de gênero, uma das entrevistadas pontuou sobre a necessidade de ser cuidadosa ao apreender essas questões na clínica: “o cuidado é esse de não entrar nesse discurso em massa, porque tem que escutar o sujeito numa escuta singular” (Estela, 29). Com isso, localiza uma questão entre o coletivo e os discursos sobre gênero produzidos e emergentes dele e a priorização do singular dentro de clínica:

Essa questão dos discursos feministas é algo que tem chamado muito a atenção (...) nossa, o termo relacionamento abusivo é usado de qualquer forma (...) então, qualquer coisa que o sujeito⁴ se vê não conseguindo sair de uma posição na relação, mas que é muito mais porque ele se coloca nessa posição, quando entra nesse discurso do relaci-

⁴ Aqui, ainda que o sujeito não tenha sido nomeado como sendo mulher, deixa isso indicado pela forma como o feminismo é assumido como um discurso que tem criado demanda e, em vez de forjar o protagonismo, des-responsabiliza a mulher, na compreensão da entrevistada.

ornamento abusivo e 'é por isso que eu não consigo sair', a pessoa se des-implica completamente. (Estela, 29)

Na clínica, considerando a experiência e narrativas dos/as entrevistados/as, parece surgir também elementos que refletem o momento social contemporâneo que vivemos. Há reconhecimento de demandas que resultam do contexto vivido, como trazido por uma das entrevistadas (Estela, 29): “(...) acho que agora, principalmente, tem aparecido muitos jovens mesmo, em torno de 20 anos, principalmente mulheres, que tem vindo muito forte com tudo isso que tá acontecendo no nosso contexto social (...) a gente não tá numa clínica isolada, tem um contexto, isso faz muita diferença, tem que saber qual é esse contexto (...)”. Ainda que reconhecendo o peso do contexto, Estela também ressalta que em clínica tais aspectos devem ser voltados e trabalhados no sujeito, tomados no singular, conforme pontua: “A gente não vai agir naquele contexto exatamente (...) o trabalho é com o sujeito é de uma implicação de que o sujeito consiga sair desse lugar mais passivo pra um lugar mais ativo (...)”.

A partir do conteúdo das entrevistas, identificou-se que gênero aparece de diversas maneiras. Compreendido como parte da história do sujeito, derivado do seu lugar no mundo, como uma posição, como um lugar de discurso e como parte das relações estabelecidas pelos sujeitos a partir desses significados. A percepção dos/as entrevistados/as sobre gênero não aponta para concepções pré-existentes ou essencialistas, especialmente porque prioriza a experiência, a história e o posicionamento do sujeito em detrimento de um conceito uno, prévio e massificado entre os indivíduos. Uma das entrevistadas, ao conceituar gênero, articula o significado à noção de singularidade, tão relevante na prática clínica:

O que eu entendo por gênero (...) acho que entendo mais como o sujeito se vê, com o que (...) acho que o masculino e o feminino estão aí pra todo mundo, mas isso vai aparecer de formas diferentes pra cada um e acaba sendo como cada sujeito vai se ver. Não é nem o biológico, nem a preferência sexual que determina, nada disso (...) acaba sendo mesmo a singularidade. (Estela, 29)

Uma outra dimensão é apresentada pelo entrevistado Olavo que afirma: “como todo sujeito tem algo de estranho, de bizarro, de não adaptado, isso inevitavelmente entra como pergunta na análise (...)”. O entrevistado se refere ao sujeito desajustado em uma lógica homem-mulher e, portanto, binária. Em sua percepção há algo além, que não sustenta uma fixidez de gênero. Assim, no “não adaptado” não caberia, ao mesmo tempo, o universal e o único encontrado nas concepções essencialistas acerca da mulher ou do gênero. Além disso, em algumas entrevistas, observamos também possibilidades de uma certa fluidez da singularidade, independentemente de gênero, sexo, “ser-mulher”, “ser-homem”. Portanto, a fluidez indica abertura para a pluralidade na clínica, como vemos nesse interessante trecho de entrevista:

(...) dentro da clínica há que deixar um pouco de lado pra que isso [evitar essas nomeações, rótulos, classificações] não cubra o discurso singular da pessoa que está contigo. Porque se não, inevitavelmente, quando você pensa paralelamente a teoria com o discurso da pessoa que está conversando contigo acaba se fechando muito a possibilidade de escutar qualquer coisa nova, qualquer coisa nova me refiro a singularidade. (Olavo, 56)

Percebemos que, de algum modo, no contexto estudado, a clínica parece ser entendida e vivida como espaço de dissolução de elementos rígidos da história do sujeito e a maneira através da qual ele caminhará em direção a isso, considerando a sua participação nesse processo de “desestabilização de sentidos fixados” como parte do percurso particular que, por sua vez, relaciona-se com os significantes de cada sujeito, tal como discutido por Tattit (2016).

A possibilidade de que essa desestabilização ocorra encontra-se na transferência, elemento essencial para a clínica psicanalítica (Roudinesco, 1994). A questão transferencial que ocorre a partir das particularidades, isto é, da maneira singular com que o sujeito estabelece

suas relações, apareceu em todas as entrevistas de maneira muito mais presente do que as questões que envolvem a coletividade. Os/as entrevistados/as afirmam, por exemplo, que a relação dos sujeitos com o gênero, sexualidade e sexo acaba sendo e deve ser ultrapassada em um contexto transferencial conforme pontua um dos entrevistados ao relatar se existia alguma influência de questões de gênero na relação paciente-analista:

Em um primeiro momento pode ser que aconteça, mas a partir do momento que a pessoa deitou no divã a tua imagem [analista] desaparece (...) e alguns cortes têm que ser feitos para pessoa não ficar nessa e falar de si sem tanta interferência de uma fantasia prévia (...) não é disso que se trata (...) se trata de transferência, independente do sexo, da imagem, da aparência, do imaginário. A transferência é de outra ordem. (José, 30)

Os apontamentos acerca de como as discussões envolvem o sujeito do feminismo, o coletivo, as mulheres, o gênero e a prática clínica psicanalítica e sua abertura para a singularidade apresentados a partir das entrevistas norteiam os assuntos abordados a seguir, no intuito de apontar as intersecções possíveis entre os campos dos estudos de gênero e a clínica psicanalítica a partir das narrativas dos/as entrevistados/as.

Gênero na clínica: revelação de um sujeito

A discussão sobre o gênero inserido na clínica aqui debatida, remeterá ao modo como os/as entrevistados/as entendem tal inserção, mas também estará atrelada à maneira como concebem gênero e ao modo como se conectam a essa noção.

Os/as participantes do estudo foram questionados sobre sua trajetória dentro da área clínica, desde a formação na graduação até a escolha pela orientação psicanalítica. Ainda que cada entrevistado/a tivesse razões específicas para escolher a clínica como campo de atuação e a psicanálise como orientação, eles/as têm em comum a graduação em psicologia.

Foram todos/as convidados/as a compartilharem o que entendiam por gênero e, como já abordado anteriormente, apresentaram concepções distintas. Alguns elementos acionados para apresentarem suas concepções, merecem destaque. Abaixo, trechos de duas entrevistas ajudam a debater as ideias em torno do sexo biológico, elemento empregado para falar sobre gênero:

Acho que, antes de qualquer coisa, tem um pouco a ver com esses lugares de discurso com que a pessoa se identifica e se sente mais a vontade de estar. Se uma mulher biológica se sente mais à vontade num campo de discurso predominantemente masculino, ela tem todo direito de fazer parte desse lugar e vice-versa. Entendo gênero como um lugar de fala, talvez. (José, 30)

Entendo que uma pessoa se apresenta de uma determinada maneira, independentemente do sexo biológico que porta. Em princípio, isso. Quer dizer, existe uma desconexão entre o sexo, a posição sexuada psíquica e a sexualidade biológica. Em princípio entendo dessa maneira, como uma desconexão, não necessariamente, pode até coincidir a sexualidade psíquica com a biológica. (Olavo, 56)

Nessas perspectivas o entendimento de gênero não remete a um caráter fixo e universal, mas remete a uma concepção em que o sexo é concebido como vinculado ao biológico e o gênero como proveniente de um núcleo sociocultural, seja como um “lugar de fala” ou numa perspectiva mais psicanalítica, na ideia de “posição sexuada psíquica”.

Tomamos Butler (2017) novamente aqui pelo questionamento acerca da diferenciação sexo-gênero que traz uma série de problemas e pelo reconhecimento da autora, por outro lado, de que tal diferenciação tenha sido alicerce para questionamento do lugar de naturalização em que se encontravam o sexo feminino e o masculino, sustentando a assimetria de gêneros como um efeito inevitável de diferenças biológicas. Talvez essa convergência, observada no estudo em tela, apareça justamente em razão do êxito dessa formulação, constituída no cerne dessa lógica de desnaturalização que concebe o gênero como originário do cultural e o sexo do biológico — como se ambos estivessem em esferas isoladas. Nas entrevistas, a pala-

vra sexo foi utilizada espontaneamente pelos/as participantes como parte do repertório acionado para responder ao questionamento sobre gênero que não fez uso dela em sua formulação.

Nos trechos mencionados, vemos ainda a interlocução com as identidades de gênero — construídas através da linguagem (Scott, 2005) e que remetem à um sentimento individual de identidade (Grossi, 1998) — visto que, para eles/as existe uma desconexão entre o biológico e aquilo com que o sujeito se identifica. Seja pelo fato de um homem/mulher biológico determinado se identificar com um discurso à margem dos lugares de discurso a ele/ela concedidos em sociedade, ou pela coincidência entre tal determinação e sua sexualidade psíquica.

No atendimento clínico, de acordo com a visão dos/as participantes do estudo, gênero aparece de maneira interessante, como abaixo:

(...) alguém pode vir aqui e dizer ‘eu sou homem, eu sou mulher, eu sou homossexual, sou heterossexual, sou trans’. Em princípio, para mim, isso não significa nada. Preciso entender melhor, através da fala do paciente, o que significa ser mulher, o que significa ser trans, para essa pessoa. (Olavo, 56)

O conteúdo parece destacar sobre a necessidade de se colocar essa significação – sobre o que é ser mulher, homossexual, heterossexual, trans – sob suspenso. De acordo com entendimento do entrevistado, o significado só é revelado através da fala do paciente, demonstrando a maneira como essas questões são abordadas em clínica. Aqui também é retomada a questão da singularidade priorizada na clínica que deve lidar com as experiências e representações apresentadas pelos sujeitos, tal como se apresenta nesse trecho: “Então, na verdade, quando recebo um paciente, escuto um sujeito e não me preocupa tanto em princípio ter que localizá-lo em um determinado grupo.” (Olavo, 56).

Somente uma entrevistada, diferente do modo como os/as demais responderam ao questionamento sobre gênero, partiu de sua experiência como mulher em clínica para compartilhar suas reflexões e mencionou algumas situações e perguntas que foram direcionadas a ela durante atendimento e que, em sua percepção, carregavam alguma articulação com gênero:

Já passei por situações onde, justamente por eu ser mulher, algum homem vem, procura, mas que não tá procurando a análise justamente, tá procurando outra coisa. Já vem com um discurso mais intimidador, de uma forma mais agressiva. (...) ou, se não, falas às vezes (...) que isso você percebe, né (...) “cê já é mãe”, “cê é casada”. Acho curioso. (Estela, 29)

Ainda que sua leitura inclua uma percepção das relações de gênero homem-mulher que ocorrem na sociedade mais ampla, a entrevistada assume que “na clínica tudo vai virando elemento pra gente ir entendendo como se dão as relações dos sujeitos que a gente atende”, acrescentando ainda que as questões, no atendimento clínico, aparecem da maneira que precisam aparecer para cada sujeito e é justamente isso que precisa ser trabalhado.

Em outra entrevista, gênero apareceu como um caminho que pode levar sujeitos até a clínica mas que, a partir daí, como também apareceu em outras entrevistas, destaca-se o sujeito que está implicado nessa demanda. Gênero é reconhecido como algo que acontece por identificação, lugar de fala, ou posicionamento diante da sociedade e do outro, mas que precisa ser retirado desse lugar como explicita Olavo: “quando se apresenta um sujeito, eu, por evitar essas nomeações, rótulos, classificações, não me ligo muito a questão da teoria de gênero (...)”. Há um reconhecimento do contexto social como importante para localizar o gênero como demanda, mas não deve ser lido como a única questão para a clínica, como podemos apreender de um outro trecho de uma das entrevistas:

(...) o que nunca apareceu na minha clínica foi isso como uma questão central, na maioria das vezes isso aparece (...) claro, tem toda uma importância dentro da vida

em sociedade, mas isso pode ser desenvolvido não como a questão principal, não é nem central, mas as vezes a questão primeira que leva uma pessoa a análise. (José, 30)

As entrevistas permitiram observar o trajeto do gênero à revelação de um sujeito que experimenta essas questões socialmente e em clínica. Além disso, identificamos também no conteúdo das entrevistas que na relação clínica e gênero estabelecidas há importante presença de uma abertura para essas questões a partir da compreensão das conformações sociais e culturais contemporâneas e não, necessariamente, como uma reflexão já inserida na atuação clínica:

“(...) a sociedade vai se configurando de um outro jeito e a gente tem que estudar, acompanhar, desenvolver.” (Estela, 29)

“Então, acho sempre importante porque são novos modos de subjetivação, são novas modalidades de gozo, são novas formas de desejar.” (José, 30)

“Me parece que para pensar o social é muito útil, ajuda e cumpre um papel muito importante. Mas dentro da clínica, há que deixar um pouco de lado pra que isso não cubra o discurso singular da pessoa que está contigo.” (Olavo, 56)⁵

Considerando as conexões encontradas nas entrevistas e os elementos que são valorizados, seguimos refletindo sobre a maneira como a psicanálise poderia se articular aos estudos de gênero e sobre o espaço para a intersecção entre os dois campos de saber na visão dos/as entrevistados/as, como se apresentará no eixo a seguir.

Clínica no Gênero: o não-todo

⁵ Olavo destacou-se por apresentar elementos mais explícitos para demarcar os campos da clínica e dos estudos de gênero, indicando uma certa evitação da intersecção. Ao mesmo tempo, foi quem mais explicitou a necessidade de suspender marcadores de gênero, tanto em clínica, quanto ao longo da entrevista. Em certo momento da entrevista, por exemplo, a entrevistadora perguntou sobre gênero na relação paciente-analista e Olavo solicitou que fosse exemplificado, sendo atendido pela entrevistadora com a afirmação: “você sendo homem atendendo mulher ou homem...” que foi questionada pelo entrevistado: “mas como você sabe que eu sou homem?”

Acho que a psicanálise precisa estar mais próxima do que tá acontecendo, da atualidade, dos grupos, de entender (...) poder se aproximar mais dos grupos que vão se formando aí nas discussões de gênero, pra poder entender mais. Acho que a psicanálise precisa mesmo sair mais do consultório e procurar estar mais em contato. (Estela, 29)

A escuta e análise das entrevistas permitiram identificar a possibilidade de a clínica e a psicanálise se articularem aos estudos de gênero. Partimos dos relatos onde o gênero foi trazido como elemento de compreensão da sociedade e onde foi identificada contribuição da psicanálise aos estudos de gênero. Para apresentar esse debate, compartilhamos algumas considerações dos/as entrevistados/as a respeito da maneira como o gênero é visto socialmente:

“(...) de maneira geral, existe na sociedade um preconceito enorme com relação a essas questões. Hoje isso se inverte um pouco e passa a ter outra forma de abordagem, se pensa de outra maneira (...) um lugar muito mais aceitado, menos marginalizado.” (Olavo, 56)

“Acho que enxerga como algo na caixinha, muito bem delimitado, com papéis muito delimitados. Acho que, claro, tá havendo muito uma desconstrução disso, mas fica muito relacionado aos papéis, tem muito o que caminhar.” (Estela, 29)

“(...) eu vejo a sociedade ainda muito preconceituosa, não só quanto às mudanças de lugares de fala, mas em relação aos antigos, porque também é um preconceito quando a gente não se permite olhar àquele lugar antigo de uma outra maneira.” (José, 30)

Há uma importante semelhança entre o conteúdo das entrevistas nesses trechos. Reconhecem transformações sociais importantes com relação às questões de gênero e, principalmente, discriminações ou limitações ainda presentes na sociedade com relação às questões de gênero. Um dos entrevistados destacou o peso do preconceito e como isso ainda reflete no cotidiano das pessoas, embora perceba também que mudanças estejam ocorrendo: “(...) Mas de toda forma continua ainda sendo muito difícil para as pessoas que trazem essa questão lidar com a sociedade de forma geral, digamos assim.” (Olavo, 56). Do mesmo modo, outras

entrevistas também apresentam reconhecimento dos impactos para os sujeitos, das dificuldades e sofrimentos que geram questões de preconceito e discriminação relacionadas ao que eles/as identificam como questões de gênero na clínica:

“As pessoas, às vezes, relatam casos de abuso e isso é sempre muito difícil, porque tem um sofrimento que é muito intenso.” (Estela, 29).

“(…) a gente nasce, é identificado nosso sexo (…) em alguns casos, é mais maleável, em outros, é mais duro, mais difícil e isso gera muito sofrimento.” (José, 30)

“(…) quando chega pra mim um homem que se percebe ou sente como mulher não tem como ir na raiz daquele sofrimento e aí, às vezes, o sofrimento da pessoa é porque ela se percebe muito diferente (...)” (Berenice, 57)

O sofrimento psíquico, então, apresenta-se no desencontro entre as expectativas sociais — que giram em torno do gênero — e o posicionamento do sujeito diante disso, sendo que,

a experiência subjetiva de “ser um homem” e “ser uma mulher” é alterada em conformidade com os valores culturais gendrados de uma sociedade e atuam nas interpretações dos indivíduos sobre si mesmos e sobre os outros, bem como na esfera do sofrimento psíquico desses indivíduos. (Zanello, Fiuza, & Costa, 2015).

Nessa perspectiva, de acordo com Santos (2009), o sofrimento psíquico se manifesta de maneira regular sendo moldado dentro de determinada configuração social e as relações sociais de gênero trazem diferenças relevantes com relação ao sofrimento psíquico e saúde mental.

Outro ponto importante que se relaciona com o reconhecimento das representações e significados em torno do gênero e com questões levantadas no início desse artigo foi trazido em uma das entrevistas a partir da seguinte afirmação: “Mas é que na verdade ninguém é totalmente masculino ou totalmente feminino e essa lógica binária não se sustenta

demasiado” (Olavo, 56). Na percepção dele, a lógica binária se mostra aqui como algo insustentável, embora em outro momento, ele tenha associado o sexo à esfera biológica, sem questionar a sua condição de categoria socialmente construída também. De qualquer modo, nesse trecho, apresenta-se abertura para repensar as constituições binárias que têm embasado a noção de sexo e gênero.

A partir desse ponto, novamente retomamos Butler (2002) e suas colocações sobre como a estabilidade e estrutura binária do sexo são asseguradas ao colocar a dualidade do sexo num domínio pré-discursivo e a importância que a autora aponta na descontinuidade da estabilidade da identidade, que também se apresenta insustentável, dada a instabilidade do gênero que leva ao questionamento da coerência e da persistência da identidade.

Retomamos, assim, nossa indagação inicial sobre a possibilidade de a psicanálise agregar, interseccionar ou dialogar com os estudos de gênero, na perspectiva dos/as profissionais. Tal possibilidade foi identificada no conteúdo das entrevistas, por pontos convergentes, ainda que os/as entrevistados/as compartilhem noções distintas sobre as maneiras como isso pode ocorrer: “Sim, por mais que seja meio paradoxal isso, porque a clínica é pra des-ser. Por mais que a gente vá agregando mais informações eu acho que o trabalho na clínica é muito mais esvaziar que transbordar o jarro.” (José, 30). Para esse entrevistado, a ideia de esvaziamento conecta-se aos estudos de gênero como um alargamento da clínica, ao afirmar: “Quanto mais opções a gente tiver, acho que em alguma a gente vai conseguir se encaixar, com menos sofrimento, não que a gente vá eliminar o sofrimento, não acredito que isso vá acontecer, mas se existem outras possibilidades disso acontecer, mais favoráveis, é importante.”

A clínica como um local para “des-ser”, tal como indicado pelo entrevistado José, parece assumir a concepção da clínica como um espaço para “deixar de ser”, como possibilidade de desestabilização de determinados elementos rígidos — que também dialoga com o

alargamento permitido pelas reflexões do campo dos estudos de gênero, justamente por trazer novos posicionamentos — aos quais nos conectamos durante nossa trajetória de vida (Tattit, 2016). Esse mesmo entrevistado também pontua:

(...) quando uma pessoa percebe que não tem que ser assim, quando aquele lugar que ela tá faz ela sofrer a ponto de ela querer mudar o lugar dela; aí ela pode procurar uma análise, foi o que aconteceu em alguns momentos (...) e aí contestar isso, por que esse lugar é assim? Por que você acha que só assim você seria uma mulher, ou só assim você seria homem? Vai de cada caso, eu acho, né (...) (José, 30)

A ideia de “esvaziamento” em clínica vem, portanto, na contramão das questões de unicidade e representação presente na ideia de uma categoria universalizante onde caberiam todas mulheres. Entretanto, de acordo com a colocação do entrevistado, não se trata também de uma desconstrução que liquida essa representação, mas uma contestação diante dos lugares em que o sujeito está posicionado. A semelhança da percepção encontrada nessa entrevista com a que será apresentada abaixo é, justamente, a questão de uma suspensão dos marcadores do sujeito encontrada tanto no des-ser, quanto na afirmação a seguir em que o entrevistado comenta sobre as possíveis contribuições dos estudos de gênero à psicanálise:

(...) se os estudos de gênero servem pra quebrar barreiras e avançar um pouco mais em relação à não patologia, me parece que sim. Se os estudos de gênero passam a ser um modo diferente, mas ao mesmo tempo de tentar fechar um corpo teórico que explique absolutamente todo o sujeito, não serve. (Olavo, 56)

Nessa afirmação há, no entanto, um elemento novo que é a abertura ao inexplicável, à impossibilidade de se explicar sobre tudo que, na psicanálise, encontra-se em um conceito muito específico, de acordo com o entrevistado: “A psicanálise entende que não é possível explicar tudo, não é possível dar conta de tudo, a impossibilidade, ou a castração, que é um conceito pra explicar isso, o não todo, sempre tem que permanecer.” (Olavo, 56)

De fato, a castração em psicanálise é uma incompletude subjetiva comum à todos nós, logo, comum à condição humana (Kehl, 2018). Sendo assim, na perspectiva desse entrevistado, a psicanálise poderia contribuir com os estudos de gênero introduzindo a lacuna do inexplicável, abrindo-se para aquilo sobre o que não se pode dizer, o não-todo. Em contrapartida, os estudos de gênero poderiam agregar à psicanálise, na medida que podem trazer “a quebra de barreiras”, e particularmente, as barreiras sociais que constituem a forma como a sociedade enxerga os sujeitos, discrimina e os patologiza.

As teorias de gênero não vão nunca poder abordar completamente o mistério do sujeito. Ou seja, que as teorias de gênero ou qualquer outra teoria se reconheça como incompleta. Eu não sei se as teorias de gênero já incluíram essa ideia também, da questão do não-todo, que sempre há algo, em todo sujeito, que é inapreensível que nenhuma teoria vai poder explicar. (Olavo, 56)

As entrevistas, desse modo, mostram que os/as participantes do estudo identificam e têm abertura a uma possibilidade de intersecção entre psicanálise e estudos de gênero e, ao mesmo tempo, apontam delimitações que reconhecem na própria clínica psicanalítica em relação a essa possibilidade.

Apontamentos finais

A maneira como os/as entrevistados/as entendem a clínica e a escuta dos sujeitos sugeriu uma certa dissociação de teorias que estejam para além da teoria psicanalítica ao mesmo tempo em que apresentaram pistas que indicam para uma intersecção dos estudos de gênero capaz de ampliar as possibilidades para o sujeito, modos de compreender algumas questões identificadas como relacionadas ao gênero e, principalmente, permitem perceber articulações com dimensões do sofrimento humano. Mas, por outro lado, os/as profissionais entrevistados/as, ainda que tenham associado os estudos de gênero ao campo social, não os menci-

onam explicitamente como caminho possível para abordar preconceitos e discriminações relacionados ao gênero que se apresentam na sociedade, mesmo que os reconheçam como parte da demanda em atendimento na clínica. Parece prevalecer, portanto, a ideia de que estando vinculado ao campo social, teria pouco espaço em clínica.

Conforme pontua Ambra (2018), talvez isso se dê em razão da teoria psicanalítica ter sido dirigida aos psicanalistas e à clínica de modo exclusivo e não a outros campos de estudo, como por exemplo as ciências sociais. Ainda segundo esse autor, o encontro entre estudos de gênero e psicanálise, para alguns teóricos e psicanalistas, “seria potencialmente nefasto para a teoria analítica na medida em que tanto o feminismo quanto a teoria de gênero apoiam-se na causalidade social e cultural” (p. 82), trazendo o risco de uma “sociologização” da teoria psicanalítica, que ameaçaria a sobrevivência da psicanálise. Por outro lado, ainda segundo esse autor, é preciso estar alerta para uma das premissas do fazer psicanalítico que é colocar-se sempre em xeque, evitando que a teoria seja meramente aplicada em cada caso atendido, mas que possa ser desvelada na escuta, tanto naquilo que ela mostra, quanto naquilo que ela esconde, levando ao um revisitar a teoria psicanalítica em cada caso clínico.

Para os/as entrevistados/as é preciso atentar-se às demandas que se apresentam na clínica em diálogo com o momento histórico-social e com o cotidiano das pessoas, ainda que não discorram sobre o modo como essas intersecções poderiam contribuir para a prática clínica e nem se essas intersecções associam-se às demandas que se apresentam na clínica ou à maneira que é feito o manejo clínico.

Considerando o aprendizado na análise realizada a partir do universo de profissionais da clínica que participaram do estudo, poderíamos afirmar que a psicanálise apresenta uma possibilidade de contribuição, ao introduzir nas discussões dos estudos de gênero a questão do não-todo, a ordem do impossível, o não-universal, considerando experiências que ultrapas-

sem demarcações, modelos conceituais que possam fechar os sujeitos. Além disso, destacam sobre a impossibilidade de se dizer sobre tudo, ou colocar em termos/palavras e (pré)conceitos a experiência do outro. Essa reflexão-afirmação é viável mesmo que existam elementos que se relacionam a uma ideia de essência ou um essencialismo atribuído à mulher na clínica psicanalítica que foram pinçados também nas narrativas aqui analisadas. Há uma aproximação do essencialismo — ao atribuir uma essência “não-toda” à mulher — e paradoxalmente de um não-essencialismo ao suspender o caráter universal da mulher e expandir o horizonte além dos limites presentes em tal perspectiva. De acordo com Cornell (2018), Lacan observou que a categoria “Mulher” opera dentro do campo simbólico e não pode ser fixada nem em termos de biologia, nem em termos de papel.

O trabalho pretendido aqui foi discorrer sobre aspectos apreendidos a partir de profissionais em prática clínica que ajudam a pensar sobre uma ampliação dos debates acerca dos temas tratados – clínica psicanalítica e estudos de gênero – procurando abrir para diálogos e desdobramentos a partir de uma proposta de discussão, entre tantas outras possíveis. Assim, constitui-se em um encadeamento de ideias, reflexões iniciais que, de algum modo, poderão contribuir para o debate.

Referências

- Ambra, P. (2018). Gênero e epistemologia psicanalítica. In: *Psicanálise e gênero: narrativas feministas e quer no Brasil e na Argentina*. pp. 81-93. Curitiba, PR: Calligraphie.
- Bardin, L. (1977). *Análise do discurso*. Lisboa: Edições.
- Butler, J. (2017). *Problemas de gênero*. (15. ed.). Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira
- Canguçu-Campinho, A. K., Bastos, A. C. S. B, & Lima, I. M. S. O. (2009). *O discurso bio-médico e o da construção social na pesquisa sobre intersexualidade*. Physis [Internet]. 19(4), pp. 1145-1164. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312009000400013>

- Cornell, D. (2018). Repensando o tempo do feminismo. In: *Debates feministas: Um intercâmbio filosófico*. pp. 215-232. São Paulo, SP: Editora Unesp.
- Freud, S. (1976). *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Grossi, M. P. (1998). *Identidade de Gênero e Sexualidade*. In: Antropologia em Primeira Mão. Florianópolis.
- Kehl, M. R. (2018). Posfácio. In: *Amor, sexualidade, feminilidade - Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Grupo Autentica.
- Matos, M. (2008). *Teorias de gênero ou teorias e gênero? Se e como os estudos de gênero e feministas se transformaram em um campo novo para as ciências*. Revista Estudos Feministas, pp. 333-357. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2008000200003>
- Narvaz, M. G., & Koller, S. H. (2006). Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. Psicologia em Estudo, pp. 647-654. Recuperado de <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722006000300021>
- Piscitelli, A. (2004). Reflexões em torno do gênero e feminismo. In: *Poéticas e políticas feministas*. pp. 54-55. Florianópolis: Editora Mulheres.
- Piscitelli, A. (2008). *Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras*. Sociedade e Cultura, pp. 263-274. Recuperado de 2019, de <https://doi.org/10.5216/sec.v11i2.5247>
- Porchat, P. (2012). *Psicanálise, gênero e singularidade*. Revista Faac, 2(2), 195-202.
- Quinet, A. (1991). *As 4+1 condições da análise* (12. ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Ribeiro, L., O'Dwyer, B., & Heilborn, M. L. (2018). *Dilemas do feminismo e a possibilidade de radicalização da democracia em meio às diferenças: O caso da Marcha das Vadias do Rio de Janeiro*. Civitas-Revista de Ciências Sociais, 18(1), pp. 83-99. Recuperado em 07 de <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2018.1.27560>.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Santos, A. M. C. C. *Articular saúde mental e relações de gênero: dar voz aos sujeitos silenciados*. Ciênc. saúde coletiva, 14(4), pp. 1177-1182. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000400023&lng=en. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232009000400023>.
- Santos, B. (2018). Normatividade, gênero e teoria psicanalítica: uma reflexão sobre a criação de palavras novas. *Ágora*, 21(1), pp. 23-33. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/1809-44142018001003>

- Scott, J. (1995). *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade v. 20 n.2 (pp. 71-99).
- Silva, D. Q. D., & Folberg, M. N. (2008). *De Freud a Lacan: as idéias sobre a feminilidade e a sexualidade feminina*. Estudos de Psicanálise, (31), pp. 50-59. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372008000100007&lng=pt&tlng=pt
- Tattit, I. (2016). A noção de singularidade na psicanálise lacaniana: aspectos teóricos, clínicos e sociais. (Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia). Recuperado de <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-26092016-105529/pt-br.php>
- Zanillo, V., Fiuza G., & Costa H. S. (2015). *Saúde mental e gênero: facetas gendradas do sofrimento psíquico*. Fractal: Revista de Psicologia, v. 27, n. 3, pp. 238-246. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/1483>